

ALFABETIZAÇÃO E CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA: CONTRIBUIÇÕES E LIMITES

Lidiane Possamai¹

Os desafios que circunscrevem a aprendizagem inicial da leitura e da escrita têm perpassado distintos tempos e espaços na escola brasileira. Acreditamos que conhecer o processo de aprendizagem da linguagem pelos escolares e a estrutura da língua portuguesa pode representar um enfrentamento às dificuldades encontradas por professores e estudantes. Em relação a apropriação da linguagem oral e escrita destacamos as contribuições da Psicologia Histórico-Cultural, sobre a qual sustentamos nossa concepção de desenvolvimento humano.

Concordamos que a linguagem, ademais de caracterizar-se por sua função comunicativa, consiste em um importante instrumento auxiliar da memória (Luria, 2017), historicamente produzida e socialmente preservada e compartilhada nas relações entre as pessoas. Embora esses pressupostos estejam no cerne do processo de apropriação da linguagem, neste breve texto, evidenciaremos a necessidade dos aspectos fonológicos para a alfabetização, nos limitando ao objetivo de apresentar e discutir a compreensão de consciência fonológica e os desafios que podem desdobrar-se a partir da sua prática, com crianças em período inicial da alfabetização.

Os elementos apresentados neste texto, advêm de situações vivenciadas com crianças em turmas de alfabetização, fundamentados a partir de um estudo bibliográfico. Consideramos importante destacar que esses aspectos compõem as leituras iniciais de uma pesquisa de mestrado e que deverão ser discutidos e ampliados em investigação posterior. Justificamos a escolha dos autores Luiz Carlos Cagliari (1990) e Magda Soares (2018) em razão das suas contribuições sobre linguística e alfabetização, identificando a dimensão fonológica para a apropriação da leitura e da escrita.

Segundo Cagliari (1990, p.106) a história da escrita pode ser identificada por três fases, sejam elas: a pictórica, a ideográfica e a alfabética. A fase pictórica tende a ser caracterizada pelo uso de pictogramas ou desenhos, no esforço de representar um acontecimento ou um

¹ Aluna do Programa de Mestrado em Educação, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, campus de Francisco Beltrão. E-mail: lidianepossamai@hotmail.com.

III SENPE

SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO

fenômeno. Esses registros não mantêm qualquer relação com as características sonoras da fala, mas com o significado do que se pretende representar. Não existe uma marca convencional para cada elemento que se deseja registrar, ou seja, uma mesma história pode ser contada por pictogramas distintos, embora possam apresentar similaridade com o objeto real. Percebemos que nessa fase há uma preocupação com o significado e não com o significante (sons, letras), o registro é um instrumento de recordação e comunicação.

A fase ideográfica é identificada pelo uso dos ideogramas, que são desenhos especiais, também sem qualquer relação com os sons das palavras. Todavia, diferentemente dos pictogramas, esses desenhos já indicam uma primitiva convenção de escrita, quer dizer, legitima-se um único desenho para representar um mesmo objeto. Para Cagliari (1990) essa fase precede a invenção das letras, ou seja, essas marcas especiais sugerem o que mais tarde chamaríamos de letras.

Finalmente, “a fase alfabética se caracteriza pelo uso das letras. Estas tiveram sua origem nos ideogramas, mas perderam o valor ideográfico, assumindo nova função de escrita: a representação puramente fonográfica.” (CAGLIARI, 1990, p.109). Nesse sentido, o Sistema de Escrita Alfabético – SEA considera a escrita como uma representação dos sons da fala, desvelando a dimensão fonológica para a aprendizagem da leitura e da escrita. Embora esteja evidente a relação entre a escrita e os sons da fala, Soares (2018) destaca que:

Pode-se considerar surpreendente, em se tratando da aprendizagem de um sistema de escrita que representa os sons da fala, que somente a partir do início dos anos 1970 tenha sido reconhecida a importância de que a criança, para compreender o princípio alfabético, desenvolva sensibilidade para a cadeia sonora da fala e reconhecimento das possibilidades de sua segmentação – desenvolva *consciência fonológica*. Indica-se geralmente como momento inaugural, e seminal, de introdução desse conceito – que recebia então a denominação genérica de *consciência linguística* – a publicação, em 1972, da obra organizada por James Kavanagh e Ignatius Mattingly, significativamente intitulada *Language by Ear and by Eye* (A língua pelo ouvido e pelos olhos) [...]. (SOARES, Magda, 2018, p.267, grifos da autora).

Por meio dessas considerações entendemos que a preocupação com os elementos fonológicos, principalmente sobre a relação fonema-grafema, foi intensificada em 1972 a partir do discurso sobre a consciência fonológica. Para Soares (2018, p.166, grifos da autora) “essa

Programas organizadores



UNIDESTE
CAMPUS DE
CASCAVEL



PPGE
Programa de Pós-Graduação
em Educação

III SENPE

SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO

capacidade de focalizar os sons das palavras, dissociando-as de seu significado, e de segmentar as palavras nos sons que as constituem caracteriza a *consciência fonológica* [...]”. O título da obra *A língua pelo ouvido e pelos olhos*, na qual se identifica a gênese do conceito da consciência fonológica, nos sugere uma supervalorização auditiva e visual em detrimento do elemento fonoarticulatório.

Os estudos de Soares (2018) chamam atenção para a organização da consciência fonológica em níveis, denominados como: consciência lexical; consciência de rimas e aliterações; consciência silábica e consciência fonêmica. Parece existir um entendimento de que a consciência fonêmica se caracteriza como o mais complexo, programas como *Consciência fonológica em crianças pequenas*, formulado por Adams, Foorman, Lundberg e Beeler (2006) sugerem que a consciência dos fonemas seja o último nível a ser trabalhado com as crianças.

As crescentes pesquisas sobre a consciência fonológica, têm sido desenvolvidas predominantemente a partir da Psicologia Cognitiva, situação já identificada por Soares (2018) a qual confirmamos a partir das leituras iniciais que temos feito sobre o tema e que nos chama a atenção. Percebemos que o conceito de consciência fonológica frequentemente tem se desdobrado dos estudos construtivistas, dentre os textos publicados. Reconhecemos a existência de um consenso de que o desenvolvimento da consciência fonológica favorece a aprendizagem inicial da leitura e da escrita.

Observamos um sugestivo espaço ocupado pelos estudos de Seabra e Capovilla (2010, p.126) que indicam o trabalho com a consciência fonológica a partir do método fônico. Para esses autores “a habilidade de discriminar e manipular os segmentos da fala é um quesito fundamental para a aquisição da leitura e da escrita, como demonstrado por pesquisas internacionais.”

Em atividades com crianças dos anos iniciais da alfabetização, orientadas pela perspectiva da consciência fonológica, identificamos o esforço em levar os estudantes à compreensão de que a escrita é uma representação dos sons da fala, pressuposto necessário, haja vista a configuração fonética do nosso sistema de escrita. Nesse sentido, as relações biunívocas entre fonemas e grafemas, tornam favorável o processo de aprendizagem da leitura e da escrita e as crianças parecem avançar com mais segurança no desenvolvimento desse processo, ampliando sua autoconfiança. Todavia, as relações pouco regulares, as quais Soares

Programas organizadores



UNIDESTE
CAMPUS DE
CASCAVEL



PPGE
Programa de Pós-Graduação
em Educação

III SENPE

SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO

(2018) denominou arbitrariedades, consistem em um importante desafio aos estudantes, sobretudo, porque frente às irregularidades, identificar e manipular as unidades sonoras da fala pode tornar-se pouco suficiente.

Outro elemento a ser destacado dos registros infantis advém do que Cagliari (1990) denominou como *realidade linguística da criança*. Sobre isso entendemos como a linguagem oral apropriada e desenvolvida pela criança em suas interações sociais, que concentra as características do dialeto, ou seja, da comunidade na qual se insere. Para o autor supracitado “uma criança que entra para a escola pela primeira vez aos 7 anos já trilhou um longo caminho linguístico, já provou no dia-a-dia um conhecimento e uma habilidade linguística muito desenvolvidos.” (CAGLIARI, 1990, p.19).

Dessa forma, considerando esse percurso e a diversidade linguística, aparentemente, em crianças cuja alfabetização tem sido mobilizada a partir do princípio da escrita como uma representação dos sons da fala, as marcas da oralidade podem ser frequentes em seus registros, como: *drento; cabeu; bassoura; troxe*; etc. Essa situação reforça que, embora não se possa negar o pressuposto da escrita como uma representação das unidades sonoras, ela não pode ser entendida como um espelho da fala, assim como já fora destacado por Cagliari (1990).

As situações descritas, advindas de uma prática docente organizada a partir do trabalho com a consciência fonológica, nos possibilita refletir sobre sua relação com a apropriação da leitura e da escrita nos anos iniciais da alfabetização. Dessa forma, é justo concordarmos sobre a necessidade de desenvolver a capacidade de discriminar e manipular os sons da fala, uma vez que representa uma das propriedades do sistema de escrita.

Contudo, chamamos atenção para que o trabalho com a consciência fonológica não seja reduzido a repetição e a memorização dos sons, ou seja, às técnicas mnemônicas, severamente criticadas. Entendemos que o aspecto fonoarticulatório, um elemento fundamental, tem sido deslocado ao segundo plano, que a sua vez, tem sido valorizado na perspectiva da análise fônica.

A análise fônica, na contramão das técnicas mnemônicas de memorização e repetição dos elementos sonoros, preocupa-se com o movimento psíquico empenhado no processo de apropriação da linguagem oral e escrita, desde os estudantes do nível pré-escolar aos primeiros anos da alfabetização. Identificamos o trabalho com a análise fônica em propostas educativas realizadas pela escola cubana.

Programas organizadores



UNIOESTE
CAMPUS DE
CASCAVEL



PPGE
Programa de Pós-Graduação
em Educação

III SENPE

SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO

A análise fônica cujo desenvolvimento é defendido desde os círculos infantis e níveis pré-escolares é apresentada como uma atividade de preparação para a aprendizagem da leitura e da escrita. O trabalho parte da palavra, considerada como a unidade de comunicação da linguagem, por certo, “el análisis fónico no posee solamente un objetivo práctico de distinguir un fonema y relacionarlo con una letra, sino un objetivo más amplio: dar al niño una orientación en el sistema de los sonidos que componen su idioma” (HURTADO; ANGELETTI, 1995, p.218).

A partir das *Pruebas para explorar el lenguaje*, elaboradas por Hurtado e Gómez (1996), observamos que a análise fônica tende a ser trabalhada a partir de subsídios externos, como desenhos e cartões que progressivamente vão sendo incorporados como modelos pelas crianças e superados pelo desenvolvimento dos nexos internos da relação grafema-fonema. Essa superação, permite à criança desapegar-se da necessidade do suporte externo, convertendo-se em atividade intrapsíquica. Finalmente, acreditamos que a relevância das atividades fonológicas para a apropriação da leitura e da escrita relaciona-se ao desenvolvimento psíquico mobilizado nesse processo. Assim, compreendemos que embora a correspondência grafofônica seja característica do sistema alfabético, não garante esse movimento.

Palavras-chave: Linguagem. Alfabetização. Consciência fonológica.

REFERÊNCIAS:

ADAMS, Marilyn Jager, et al. **Consciência fonológica em crianças pequenas**. Tradução: Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2006.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Linguística**. 2ª ed. São Paulo: Scipione, 1990.

HURTADO, Josefina López; ANGELETTI, Alicia Borgato. Formación de la habilidad de análisis sonoro de la palabra en niños del sexto año de vida. In: GÓMEZ, Ana Maria Siverio, et al. **Estudio sobre las particularidades del desarrollo del niño preescolar cubano**. La Habana: Pueblo y educación, 1995, s/p.

HURTADO, Josefina López; GÓMEZ, Ana María Siverio. **El diagnóstico: un instrumento de trabajo pedagógico DE PREESCOLAR A ESCOLAR**. La Habana: Pueblo y educación, 1996.

Programas organizadores



UNIDESTE
CAMPUS DE
CASCAVEL



PPGE
Programa de Pós-Graduação
em Educação

III SENPE

SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO

LURIA, Alexander Romanovich. O desenvolvimento da escrita na criança. *In*: VIGOTSKI, Lev Semenovich. LURIA, Alexander Romanovich. LEONTIEV, Alexis N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. Tradução: Maria da Pena Villalobos – 16º ed. São Paulo: Ícone, 2017, p.143-189.

SEABRA, Alessandra G. CAPOVILLA, Fernando C. **Alfabetização: método fônico**. 5º ed. São Paulo: Mennon, 2010.

SOARES, Magda. **Alfabetização: a questão dos métodos**. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2018.

Programas organizadores



UNIDESTE
CAMPUS DE
CASCAVEL

PPGE
Programa de
Pós-Graduação
em Educação



Mestrado
em Educação



UNOCHAPECÓ



PPGE
Programa de Pós-Graduação
em Educação